

Etnicidade e outras questões antropológicas: Entrevista com Thomas Hylland Eriksen

Carmen Lúcia Silva Lima
PPGANT UFPI
carmensllucia@gmail.com

Márcia Leila de Castro Pereira
PPGANT UFPI
marcialeila23@gmail.com

Tradução
Lilyth Ester J.E.J Grove
University of California, Davis/UNICAMP
justyn.grove@gmail.com

Marina Sousa
Doutoranda em Antropologia na UNICAMP
marina.antrorr@gmail.com

Thomas Hylland Eriksen, antropólogo norueguês, nascido em 6 de fevereiro de 1962, em Oslo – Noruega, o nosso entrevistado, é detentor de um currículo invejável, constituído de uma lista bastante extensa de livros e artigos que foram traduzidos para mais de trinta idiomas, o que evidencia o alcance de sua produção. Atualmente exerce a função de professor no Departamento de Antropologia Social da Universidade de Oslo. Presidiu a Associação Europeia de Antropólogos Sociais e é membro da Academia Norueguesa de Ciências e Letras. Detentor de uma atuação política bastante consistente, ele defende a inserção da antropologia na esfera pública e nos debates das grandes questões atuais. Ao Brasil ele já veio duas vezes para realizar conferências: III Jornada de Estudos de Etnicidade, em Recife, na Universidade Federal de Pernambuco - UFPE e, recentemente, a 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, em João Pessoa, na Universidade Federal da Paraíba – UFPB. O livro *História da Antropologia*, escrito em parceria com Finn Sivert Nielsen, foi publicado em 2007 em nosso país, oferecendo aos leitores uma boa síntese de história da nossa disciplina.

Na produção de Eriksen prevalece a abordagem comparativa e interdisciplinar, com atenção voltada para sociedades etnicamente diversificadas e culturalmente complexas. Possui experiência de trabalho de campo em lugares bastante distintos tais como Trinidad, Ilhas Mau-

riço, Austrália e Noruega.

Inicialmente, em sua trajetória, abordou os temas: etnicidade, políticas de identidade, cosmopolitismo, direitos humanos, nacionalismo e globalização. Atualmente, seu interesse está direcionado à análise das contradições entre o crescimento e a sustentabilidade.

Em 2015 publicou uma biografia de Fredrik Barth, antropólogo também norueguês, que é possivelmente o autor mais citado na abordagem de grupos étnicos no Brasil. Em relação à etnicidade, tema bastante recorrente na Antropologia Brasileira, Eriksen tem uma contribuição significativa. Vale registrar que Roberto Cardoso de Oliveira, afirmou que ele tornou mais sensível e sofisticada a formulação teórica de Barth, pois extrapolou a dimensão da interação e incluiu as diferenças culturais na abordagem da etnicidade. Esta constatação permitiu ao antropólogo brasileiro repensar a separação entre identidade e cultura, algo que ele assume ter efetivado no estudo dos Terena citadinos.

Atualmente, Thomas Eriksen está envolvido com o projeto *Overheating*, que visa refletir sobre as crises da globalização (econômica e financeira, meio ambiente e climática e identidade e cultura). A pretensão é contemplar as escalas global e local, mostrando através da etnografia a existência da vida das pessoas que estão inseridas em comunidades e integradas ao mundo do capitalismo global.

Na entrevista concedida à revista *EntreRios*, ele compartilha sua experiência e os conhecimentos acumulados ao longo de sua trajetória. Aborda alguns dos temas por ele refletidos e evidencia a percepção que tem sobre a Antropologia e a contribuição que podemos oferecer para a superação dos desafios presentes em nossa atualidade.

EntreRios: Como surgiu seu interesse pelo tema da etnicidade?

Thomas Eriksen: Obrigado pela pergunta. Nunca foi planejado. Quando eu fui enviado para fazer trabalho de campo na Ilha Maurício em 1986, eu estava planejando fazer uma etnografia dos Crioulos, um grupo étnico que não havia sido estudado pelos antropólogos. Porém, eu logo percebi que etnicidade era uma chave para entender muito da vida política, social e cultural na pequena ilha, mas demograficamente complexa. Então – como muitos antropólogos fazem – eu ajustei meu plano de pesquisa à luz das circunstâncias e preocupações locais. Eu saí da vila Crioula depois de alguns meses e comecei a coletar informações sobre as relações interétnicas, particularmente em relação à construção da nação. Então minha pergunta da pesquisa principal se tornou: Como uma identidade nacional compartilhada pode ser reconciliada com uma diversidade étnica bastante expressiva. Eu ainda estou tentando responder essa pergunta por completo....

EntreRios: Qual foi a influência de Fredrik Barth na sua trajetória de pesquisa?

Thomas Eriksen: Talvez, seja surpresa para vocês, mas Barth nunca foi meu professor; eu acabei conhecendo-o melhor quase ao final do meu PhD. Meu principal orientador nos estudos sobre questões étnicas na Universidade de Oslo foi o menos conhecido, Harald Eidheim, cujo pequeno livro *Aspects of the Lappish Minority Situation* (1971) mostrou ambos os constructos sociais e a realidade social da etnicidade no extremo norte da Escandinávia. Porém, os escritos

de Barth foram importantes para mim, e sua introdução ao *Ethnic Groups and Boundaries* foi naturalmente um texto de referência. Depois, eu particularmente aproveitei seu trabalho sobre sistemas de conhecimento e de relacionamento entre ethos e ação. Então eu acho que você poderia dizer que eu tive uma conversa ao longo da minha vida com as ideias de Barth, mas frequentemente sem a presença física dele!

EntreRios: Frederik Barth é uma das referências teóricas mais utilizadas no Brasil para discutir grupos étnicos. Como você avaliaria a contribuição dele à Antropologia?

Thomas Eriksen: Sua contribuição à antropologia é múltipla e mais variada do que tem sido percebida por muitos. Apesar de sua pesquisa sobre diversidade étnica e pluralismo cultural ser amplamente citada, seu uso anterior de “game theory” - *teoria dos jogos*- e sua visão transnacionalista de interação humana – que mais tarde ele abandonaria – o levaram para muitos debates e tiveram um impacto significativo sobretudo no Reino Unido e Escandinávia. Seu trabalho posterior sobre o conhecimento e seu pluralismo – seu livro *Balinese Worlds* de 1993 deve ser mencionado – pois teve um impacto menos profundo do que merecia. Na verdade, alguns dos debates atuais na antropologia sobre o conhecimento, no qual Eduardo Viveiros de Castro é um dos principais colaboradores, podem ser percebidos no trabalho que Barth tinha feito no fim do último século. Então eu diria que Barth tem sido um grande ator em vários campos da antropologia, e ele foi ativo na antropologia por seis décadas.

EntreRios: Sua percepção da etnia é intimamente relacionada com o trabalho de campo feito nas Ilhas Maurício e Trinidad, no final da década de 80. Conte-nos sobre esta experiência e como ela permitiu-lhe posicionar-se teoricamente.

Thomas Eriksen: Especialmente nas Ilhas Maurício, onde fiz meu primeiro trabalho de campo, foi extremamente estimulante. Era um lugar acolhedor, onde era relativamente fácil realizar o meu tipo de pesquisa. As pessoas estavam interessadas em conversar, e eu fiz muitos amigos. No âmbito teórico, a experiência de Maurício me alertou para a necessidade de ver a pequena escala em relação à grande escala e vice-versa. Eu argumentei que muito do que parece ser etnicidade deveria, de fato, ser entendido como expressões de parentesco e vida familiar. Ao mesmo tempo, as condições estruturais para criação de significado e estratégias individuais em um nível muito íntimo foram criadas no âmbito do Estado e da política nacional – uma dimensão, incidental, que estava ausente na perspectiva de Barth. Em Trinidad, em 1989, eu fui constantemente lembrado da necessidade de visualizar as circunstâncias locais em uma perspectiva histórica e regional. Pode parecer trivial, mas como antropólogos, muitas vezes temos a tendência de negligenciar tudo o que não é parte imediata de nosso campo. A principal diferença entre Trinidad e Maurício é o relativo poder simbólico exercido por pessoas de origem africana e indiana. A segunda não está muito longe da Índia, enquanto que a primeira faz parte de um universo regional e caribenho fortemente marcado pela experiência da escravidão e da emergência de uma identidade regional pós-emancipação. Até os Indo-Trinitários são fortemente influenciados pela cultura Afrocaribenha.

EntreRios: O uso de Fredrik Barth permite romper com a abordagem cultural das identidades étnicas. Definir um grupo étnico como uma forma de organização social permitiu o deslocamento do foco no conteúdo cultural para as relações sociais. Sua definição de etnicidade contempla a dimensão da formação social e da interação; no entanto, você afirma que as diferenças étnicas envolvem as diferenças culturais. Retomar a importância da cultura significa juntar identidade e cultura, uma relação presente na abordagem anterior da questão. Isso não seria um retorno ao enfoque culturalista?

Thomas Eriksen: Obrigado. Esta continua sendo uma pergunta muito importante. O significado das diferenças culturais, como tal, que foi deliberadamente categorizada por Barth, varia. Às vezes, é insignificante, como no caso da Bósnia; mas diferenças de visões de mundo, organização familiar, as relações de gênero e assim por diante, na verdade podem desempenhar um papel na manutenção de fronteiras étnicas e, às vezes, na definição dos limites dos hibridismos e fluxos culturais. Recentemente escrevi sobre o conceito de personalidade e a respeito disso, abordando a obra de Marcel Mauss, Louis Dumont, e outros. Na periferia leste de Oslo, onde existem as grandes e crescentes populações de imigrantes, muitos de origem do Paquistão e Somália, temos visto uma mudança distinta entre a primeira e a segunda geração. Enquanto na primeira geração, a família ocupou o lugar proeminente, para a segunda geração, auto realização individual é mais importante – para colocá-lo de forma contundente, houve uma mudança de uma noção sociocêntrica para uma noção egocêntrica de personalidade. Esta convergência cultural com a cultura da maioria individualista, no entanto, não conduz necessariamente ao enfraquecimento das fronteiras étnicas. Então Barth ainda está certo em salientar o social e não tanto o cultural. No entanto, se negligenciarmos completamente a dimensão cultural, existe uma vasta gama de fenômenos que simplesmente se tornam incompreensíveis. Não seria honesto, em muitos casos, fingir que as diferenças culturais não têm impacto sobre as relações interétnicas.

EntreRios: Sua atenção à cultura seria uma crítica à teoria de Barth, que favorece as relações sociais e, conseqüentemente, enfatiza a ação do sujeito racional que age “livremente” motivado por interesses?

Thomas Eriksen: Eu nem sempre concordei com as perspectivas de Barth e tenho sido especialmente crítico com o aspecto da abordagem que você alude. Nas minhas dissertações (em Oslo, escrevemos duas; um diploma de estudos avançados e depois um PhD), utilizei Bourdieu, os fenomenólogos Alfred Schütz e Anthony Giddens para complementar e interrogar a ficção do homem racional: somos governados por nossos próprios interesses, sim; mas esse interesse vem de algum lugar – nossas origens e socialização, nossas redes sociais e amigos, nossa religião e personalidade. Como resultado, diferentes grupos étnicos podem na verdade encorajar seus membros a terem prioridades bastante diferentes. Existem fluxos culturais através das fronteiras e há tanto o hibridismo quanto a variação individual. Ao mesmo tempo, é bastante claro pra mim que Hindus em Maurício, no geral, dão prioridade ao trabalho árduo e investimento no futuro (às vezes se comportam quase como protestantes europeus), enquanto os crioulos priorizam a solidariedade, a honestidade, a amizade e a liberdade individual. Estas diferenças reverberam em toda sociedade das ilhas Maurício e levaram os crioulos a serem deixados para trás no espetacu-

lar desenvolvimento econômico da ilha. Barth eventualmente também iria repensar seus pontos de vista e se afastaria do seu individualismo metodológico inicial em sua obra posterior.

EntreRios: Outro aspecto importante na sua abordagem é a relação entre cultura, história e etnicidade, que nos permite considerar o contexto em que as relações sociais se desenvolvem. Isto seria um avanço significativo, considerando as análises que privilegiam exclusivamente o processo e as interações. Contudo, nesta perspectiva, o contexto antecede a ação dos sujeitos, o que representa um retorno ao primordialismo. Como sair deste impasse?

Thomas Eriksen: Acho que devemos aprender com os melhores praticantes de uma antropologia historicamente informada, que também é baseada em trabalho de campo. Por décadas, a negligência com a história foi uma das principais deficiências da antropologia, em ambos os lados do Atlântico. Isso levou as pessoas a produzirem registros instantâneos descontextualizados, tomemos os famosos africanistas britânicos, por exemplo, que raramente mencionariam o colonialismo e o governo indireto como pré-condições para a configuração sociocultural particular que estavam estudando. Um antropólogo que expandiu a análise e aprofundou primeiramente a perspectiva foi o falecido Sidney Mintz em seu trabalho sobre a economia de *plantation* de Porto Rico. Enquanto traçava o surgimento de relações de propriedade, organização familiar, poder e hierarquia para os primórdios da colonização espanhola, ele também escreveu vividamente sobre o presente, muitas vezes focalizando biografias de indivíduos. No trabalho de Mintz, não há indício de um determinismo estrutural, mas ao mesmo tempo, as opções de seus informantes são restringidas profundamente pela história. Assim, eu diria que, desde que façamos corretamente nossas etnografias, não haverá risco de primordialismo, apenas a constatação muito relevante e necessária de que nós, seres humanos, não agimos no vácuo.

EntreRios: Qual é sua percepção sobre antropologia no Brasil e como você avalia nosso interesse em sua produção?

Thomas Eriksen: Antropologia é uma disciplina mais importante no Brasil do que possivelmente em qualquer outro país do mundo, principalmente pelo papel central desempenhado pelos antropólogos brasileiros em questões indígenas. É ampla, viva e animada pelos mesmos debates teóricos e preocupações empíricas que a antropologia na Europa e nos EUA, e ainda assim, meu sentimento é de que ela tem o específico sabor brasileiro. Assim como antropologia australiana está dividida entre aqueles que fazem estudos aborígenes e todos os outros, no Brasil, a antropologia é constituída pela poderosa tradição de estudar grupos indígenas e abrange igualmente a abordagem de qualquer coisa, desde a cirurgia plástica e o transexualismo, até a exclusão urbana e as políticas raciais. Apesar de uma situação política difícil, parece-me que a antropologia brasileira permanece muito viva e vibrante, traz vigor importante para a antropologia mundial. A principal barreira é – como vocês sabem – a língua. Meu português é pobre, e isto vale para a maioria de nós fora do mundo lusófono. Quanto a mim, sinto-me lisonjeado e honrado por ter alguns dos meus trabalhos traduzidos no Brasil; devemos fazer um esforço para tornar a antropologia brasileira mais acessível aos falantes de inglês.

EntreRios: Na obra Engaging Anthropology: The Case for a Public Presence (2005), em sua sentença de abertura, você faz a seguinte afirmação: “a antropologia deveria ter mudado o mundo, no entanto, o assunto é quase invisível na esfera pública fora da Academia”. Com esta provocação você lança um desafio a seus leitores. De modo semelhante este desafio está posto em What is anthropology? (2004). Na sua avaliação, em que medida as técnicas de narrativa, gênero e estilos de escrita podem engajar uma audiência mais ampla a alguns temas candentes da atualidade em que, segundo você, a antropologia teria uma vital contribuição?

Thomas Eriksen: Para retomar o exemplo do Brasil, que conheço apenas superficialmente, em seu país, a antropologia às vezes fez a diferença ao abordar temas candentes e conflitos na sociedade. Nós, antropólogos, muitas vezes temos um impulso quase instintivo de nos afastarmos das declarações normativas - como se fosse de alguma forma vulgar assumir posições políticas - mas, ocasionalmente, sentimos que é necessário fazê-lo. No Brasil, o medo de serem vistos como ativistas é, pelo menos em algumas partes da academia, menos inibidor do que, digamos, no Reino Unido. Em termos mais gerais, eu diria que há duas maneiras principais de podermos fazer um impacto e sermos ouvidos: assumindo questões que atraiam um público mais amplo ou escrevendo tão bem que simplesmente as pessoas sejam seduzidas e enlevadas. No livro que eu estou escrevendo agora, sobre os dilemas de combustíveis fósseis e o meio ambiente em uma cidade australiana, tento dialogar com colegas e australianos envolvidos. Sucesso, ainda não sei; mas para mim, é o que antropologia pública versa: produção de novos insights, mas transmiti-los de uma forma que qualquer leitor inteligente com interesse no assunto possa compreender.

EntreRios: Em virtude dos processos de globalização, amplos fluxos de migração e medos intensificados pelo terrorismo (inter) nacional, a incorporação da diversidade cultural tem se tornado um tópico tenso nas sociedades ocidentais. Em “Paradoxes of Cultural Recognition: Perspectives from Northern Europe” (2009), editado por você, Sharam Alghasi e Halleh Ghorashi, as tensões acima mencionadas tem levado a uma mudança de discurso das nações estado modernas. De qualquer forma, como demonstrado no livro, o reconhecimento cultural por meio de uma abordagem culturalista teve o efeito paradoxal de alienar mais do que incorporar minorias. Explique como a noção de identidade transnacional pode desafiar este culturalismo.

Thomas Eriksen: Talvez seja um bom exemplo de como podemos ir além do paradigma clássico de etnicidade e abordar a cultura e as diferenças culturais sem essencializações. Ao reconhecer politicamente a diversidade cultural, as autoridades – muitas vezes de maneira bem intencionada – contribuíram para congelar os grupos e suas fronteiras, tornando as opções alternativas uma fuga de uma identidade étnica minoritária difícil. A politização das diferenças culturais, na Europa, especialmente através do Islã como um marcador de diferença, enfraquece a coesão social e reduz a gama de opções disponíveis para o indivíduo. Leva à desconfiança e ressentimento na maioria e o recuo entre as minorias. Uma identidade transnacional pode ajudar a afrouxar os laços tanto com o estado-nação como com uma identidade minoritária imposta. Não é suficiente – em algum momento, surgem demandas de lealdade – mas viver uma vida transnacional permite uma experiência de vida mais ampla e maiores possibilidades de definir a si mesmo, ao invés de ser definido pelos outros. Dito isto, no entanto, devo acrescentar que a solução

para os Estados-nação deve residir no tratamento de todos os seus cidadãos como imbuídos de igualdade de direitos civis, deixando a busca de sentido para eles mesmos. Se a integração social está em vigor, é perfeitamente possível viver com uma considerável diversidade cultural, mas se essa diversidade é politizada, torna-se uma arma para os grupos de interesse, ao invés de uma ferramenta para forjar uma vida com significado.

EntreRios: Você defende o uso da etnografia para o estudo dos sistemas globais contemporâneos. Como aceitar esse desafio sem abrir mão dos que nos é específico? Quais os limites do campo de observação neste caso?

Thomas Eriksen: Ah, existem muitas limitações. Você quase poderia dizer que a antropologia é interdisciplinar ou não é nada. Uma lição aprendida ao longo das últimas décadas é que a arrogância original, e você pode chamar de arrogância por parte dos antropólogos, de defender que a principal maneira de saber é através da observação participante, mostrou-se ser uma camisa de força. Não há maneira de entender a República de Maurício contemporânea sem olhar para a reforma agrária, denominada *le petit morcellement*, do início do século XX, que permitiu aos antigos trabalhadores das plantations comprarem sua própria terra. Ou você poderia dizer que sem o conhecimento do navio porta-contêiner, a compreensão da atualidade da economia da Maurício orientada para exportação seria limitada. Agora, você pode afirmar que as pessoas treinadas em outras disciplinas realizam essas tarefas melhor do que nós. Sim, sem dúvida. Mas eles não têm o conhecimento único e profundo que produzimos de como as pessoas realmente pensam, conversam e interagem. Então, se pensarmos em nosso esforço como uma tentativa de entender o mundo humano, ele deve ser interdisciplinar, mas a etnografia é o núcleo onde todos os fios se encontram: o envolvimento com as pessoas em situações cotidianas do trabalho, da vida familiar e do lazer. Devo acrescentar que, claro, existem outros projetos antropológicos em que a história e o sistema mundial contemporâneo são menos relevantes, e é assim que deve ser.

EntreRios: Considerando os métodos e técnicas que utilizamos, como a antropologia dos pequenos lugares e grandes questões deve se ocupar das mudanças radicais de um mundo sobreaquecido? Quais as implicações para os textos que produzimos?

Thomas Eriksen: Em primeiro lugar, é necessário chegar a um acordo com o fato de que nosso trabalho está historicamente situado; não é atemporal, nem permanente. Algumas ideias gerais sobre a vida humana podem ser, mas os lugares que vamos mudar, e hoje em dia são susceptíveis de mudar rapidamente, e se eles não mudam rapidamente, é provável que sejam vistos como remansos estagnados. Talvez a temporalidade e o ritmo devam ser vistos agora como características fundamentais da vida social. Além disso, é provável que o trabalho de campo multissituado se torne mais comum, simplesmente porque as pessoas e os problemas que estudamos não estão necessariamente localizados em um só lugar. A tarefa consiste em produzir um relato inteligível de como o mundo chegou a ser o que é, e para isso precisamos de uma melhor compreensão da tecnologia e da financeirização da economia, entre outras coisas; mas, novamente, para me repetir, são as respostas locais e translocais, e as percepções de mudanças rápidas que se situam no cerne do esforço antropológico. Eliminando a ficção da etnografia atemporal, nosso

trabalho pode tornar-se mais facilmente datado, como recompensa, também entramos na história através de uma apropriação reflexiva do presente.

EntreRios: Uma das características da antropologia no Brasil é o compromisso com as populações e os problemas estudados. Há uma vasta produção de etnografias que mostram reivindicações étnicas que se opõe à força nacional e dos grupos econômicos. Em alguns casos, fomos capazes de contribuir para os direitos das minorias, mas quando se trata de questões que envolvem os interesses do estado e dos grandes grupos econômicos, o conhecimento produzido é desconsiderado ou mesmo invalidado. Existem inúmeras situações em que nos encontramos que o conhecimento local tem pouco impacto em relação aos processos globais. O que pode ser feito nesses casos, quando a relação de poder é extremamente assimétrica?

Thomas Eriksen: Este problema, embora especialmente pungente, no caso do Brasil com seus muitos e vulneráveis grupos indígenas é bastante difundido. Como ilustração, você pode imaginar um economista e um antropólogo que ministrem uma palestra para um público de tomadores de decisões. Sobre a intervenção do economista, o público conclui que “o que ele diz é importante”; mas sobre o antropólogo, eles dizem “Uau, isso foi fascinante”. Em parte, nosso trabalho é mostrar que o que é fascinante é também importante. Mas isso não é suficiente se o público-alvo de atores poderosos e as partes interessadas não nos ouvirem, o que muitas vezes ocorre. Podemos procurar novos canais para exercer influência, talvez no mundo das ONGs, e definitivamente devemos ser menos tímidos quando se trata de colaboração interdisciplinar. Assim como a tarefa de entender que o mundo atualmente ‘superaquecido’ é, por padrão, muito grande para uma única disciplina, precisamos colaborar com outros a fim comunicar a nossa perspectiva. Mas não há nenhuma solução simples.

EnteRios: No Brasil vivenciamos um crescente processo de etnicização das minorias, ou seja, os mais diversos grupos sociais estão assumindo uma configuração étnica para reivindicar o reconhecimento de identidades específicas e direitos diferenciados. O que nos diz sobre este fenômeno que se opõe ao sistema global contemporâneo?

Thomas Eriksen: Não conheço bem a situação brasileira, mas em muitos países, ter uma identidade coletiva étnica ou religiosa pode liberar investimentos governamentais e várias formas de apoio. Portanto, muitas vezes há uma dimensão estratégica para essa “eticização”. Em um nível mais geral, a nova etnia, ou a nova política e poética da identidade, pode ser entendida como uma reação às forças esmagadoras e niveladoras da globalização. Em virtude do aumento da comunicação, comércio, mobilidade e assim por diante, nos tornamos mais semelhantes em aspectos importantes. E quanto mais nos tornamos semelhantes, mais tentamos ser diferentes e únicos. Singularidade cultural e identidades enraizadas, algo que muitos tentaram escapar algumas gerações atrás, em uma tentativa de se tornarem cidadãos modernos, tornaram-se um recurso escasso. Em um mundo superaquecido, as pessoas irão procurar maneiras de esfriar um pouco. Quando as coisas se movem muito rápido, você pressiona os freios.

Assim, o impulso em direção à política de identidade pode ser visto como uma negação dialética da aceleração. Naturalmente pode ser problemático na medida em que se baseia na nostalgia, às vezes - como no caso dos nacionalismos europeus - pressupondo o ressentimento

do outro, mas gostaria de salientar que as políticas de etnicização e identidade em geral não são apenas sobre recursos políticos e posicionamento, mas também sobre significado e uma tentativa de recuperar o controle perdido sobre a vida. Você busca algum grau de estabilidade em um mundo onde tudo parece estar em fluxo.

EntreRios: Outra mudança que visualizamos no Brasil é a ambientalização dos conflitos sociais. Neste sentido, a cultura e a questão ambiental passaram a ser uma ferramenta utilizada para se contrapor à economia neoliberal. Como esta dinâmica está sendo vivenciada em outros países?

Thomas Eriksen: Grande pergunta! Na verdade, no meu trabalho atual na Austrália, é fácil ver como isto está sendo executado. Em certo sentido, os ambientalistas e os 'capitães da indústria' neoliberais e os políticos produzem imagens e histórias diferentes da Austrália. Os defensores do verde, que às vezes conseguem se alinhar com os grupos de aborígenes e agricultores, contam uma história da Austrália como um continente onde a gestão responsável dos recursos tem sido a ordem do dia por milhares de anos. Os poderes que, em contrapartida, representam o crescimento da mineração e a expansão industrial, afirmam que são os principais impulsionadores da história australiana. Então o que vemos é um choque de saberes ou competição entre os regimes de conhecimento que desenvolvem imagens muito diferentes do presente e como chegamos lá. Pode haver casos que alinhe a defesa antropológica da diversidade cultural com a defesa dos biólogos da biodiversidade; eles podem ser vistos como dois lados da mesma moeda; sua perda reduz a flexibilidade futura e como resultado nos tornamos mais pobres. Mas ao mesmo tempo, devemos ser cautelosos ao essencializar as culturas tradicionais como ecologicamente responsáveis. Isso é empiricamente errado e moralmente questionável. E, de fato, os aborígenes australianos às vezes colaboraram com empresas de mineração por razões sociais e econômicas. Finalmente, o argumento mais forte contra a destruição neoliberal da natureza pode ser o temporal: deixar o planeta na mesma condição que o encontrou, por causa da posteridade. Estamos atualmente em um frenesi destrutivo, deixando um terreno baldio, e está acontecendo tão rápido que não dá para saber as implicações a longo prazo até que seja tarde demais. Este é um dos aspectos mais assustadores do 'superaquecimento' ou mudança contemporânea acelerada: há uma série de espirais de crescimento inter-relacionados na economia, no meio ambiente e em outros lugares; e não existe um regulador ou termostato que possa regular a velocidade e a extensão da mudança. Um forno sem termostato irá eventualmente queimar-se ou esgotar-se.

EntreRios: Para finalizar, qual o lugar da Antropologia no mundo atual? Qual a eficácia de um conhecimento local diante do poder dos projetos globais?

Thomas Eriksen: É justo dizer que as coisas não estão indo no nosso caminho atualmente. Os projetos de grande escala superam as preocupações em pequena escala, e pode parecer que o local só recebe o orgulho do lugar quando sua singularidade pode ser vendida aos turistas. Vocês mencionaram a hegemonia neoliberal; gostaria de acrescentar, do meu ponto de vista europeu, a ascensão do nacionalismo de direita e o populismo. Há um crescente desprezo pela diferença, pela complexidade e pelo tipo de empatia implícita pelo outro que é fundamental para a antropologia simplesmente porque é necessário para realizarmos o trabalho de campo.

Então, as coisas podem parecer um pouco sombrias agora. No entanto, precisamente por esta razão, a antropologia é mais importante do que nunca. Temos de melhorar as nossas habilidades comunicacionais para transmitir a nossa mensagem de forma tão lúcida e clara quanto possível, e também temos de nos tornar mais abertos a outros métodos e perspectivas através da colaboração interdisciplinar. Mas o olhar antropológico de baixo e para dentro é indispensável. Tem um tom de contracultura no momento, e há um sentido real em que as perspectivas antropológicas foram marginalizadas, mas vocês e eu sabemos que, para entender as pessoas, é necessário aproximar-se. Por esta razão, continuamos a ser necessários. Mas também temos mais a oferecer, epistemologicamente, teoricamente e eticamente. A antropologia pode encolher nas próximas décadas, mas continuará sendo uma disciplina intelectual fundamental.